ESTILOS PARENTAIS E CRIANÇAS COM PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO EXTERNALIZANTE NA ESCOLA[1]

Nadja Olsen[2]

Martha Caroline Henning Geronasso[3]

RESUMO: Atualmente vislumbra-se uma demanda considerável de crianças com problemas de comportamento externalizante nas escolas. Considerando a família como sistema fundamental na transmissão de crenças e valores, que influencia diretamente o comportamento da prole, objetivou-se verificar o estilo parental dos pais de crianças com problemas de comportamento externalizante na escola. Assim, o presente artigo foi redigido com base em dados levantados a partir de uma pesquisa de natureza básica e abordagem mista com caráter exploratório, descritivo e explicativo. A coleta de dados foi realizada através do Inventário de Estilos Parentais (GOMIDE, 2011a), e de uma entrevista semiestruturada desenvolvida a partir da revisão literária. Quanto aos resultados no IEP Paterno, 77,7% dos pais da amostra apresentam estilo parental de risco, e 23,3% escores regulares abaixo da média. No IEP Materno, 55,5% das mães possuem estilo parental de risco, 33,4% regular abaixo da média e 11,1% apresentaram escore ótimo. Através da entrevista, foi constatado que as crianças da amostra sofreram punições físicas, por vezes, sem explicações, medidas corretivas apenas da mãe, broncas repetitivas, pouca conversa, pouca constância nas punições e poucos momentos destinados a brincadeiras e diálogo. Constata-se a possibilidade de que nesta amostra em questão haja uma relação entre os problemas de comportamento externalizante apresentado pelas crianças na escola e o estilo parental de seus pais, pois as práticas parentais negativas superam as práticas parentais positivas. A presença de punições físicas mostrou-se ineficiente para extinguir os problemas de comportamento externalizante das mesmas.

Palavras-Chave: Estilos Parentais. Problemas de comportamento. Comportamento infantil.

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas a concepção de família na sociedade vem sendo modificada. De Marque (2006) afirma que o conceito de família no meio social é instável e modificável ao longo dos tempos, visto que advém de valores e questões culturais que também se modificam.

[1] Artigo realizado como requisito para nota final na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC-II), vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Aplicações de Psicologia – GEPAP/UnC-Mafra na linha de Pesquisa Aplicações e Intervenções em Psicologia Clínica e da Saúde.

[2] [2] Psicóloga (CRP: 12/18358) graduada pela Universidade do Contestado – UnC. Rua Presidente Nereu Ramos. Bairro Jardim do Moinho. Mafra/SC. CEP 89300-000. E-mail: nadja_olsen6@hotmail.com

[3] [3]Psicóloga (CRP: 12/05041) graduada pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Psicoterapeuta Relacional Sistêmica. Coordenadora do Núcleo de Serviços em Psicologia e Professora da Universidade do Contestado – UnC/Mafra. Rua Presidente Nereu Ramos. Bairro Jardim do Moinho. Mafra/SC. CEP 89300-000. E-mail: martha@unc.br

Desta forma, com as mudanças sociais e tecnológicas da atualidade, somado à inserção das mulheres no mercado de trabalho, os papeis dentro da família já não estão mais tão claros (BORSA; NUNES, 2011).

Levando em conta tais argumentos, Cortella (2017) discorre sobre a angústia dos pais por não saberem como proceder na educação de seus filhos, visto que a educação que receberam de seus pais é tida hoje como antiquada e muitas pessoas não vislumbram um modelo claro de como devem proceder nesta questão. Essa falta de um modelo definido ligada às mudanças ocorridas no atual cenário familiar pode propiciar problemas de comportamento em diversos meios sociais, entre eles, a escola (SAMEROFF, 2010). Neste sentido, Alvarenga (2001) considera como estilo parental a junção das práticas aplicadas pelos pais na educação de seus filhos, com o fim de suprimir comportamentos considerados inadequados ou incentivar comportamentos adequados.

Pode-se definir problemas de comportamento como déficits ou excessos comportamentais que atrapalham a socialização da criança e prejudicam o acesso a novas aprendizagens. Os mesmos podem ser subdivididos como externalizante, tal o caso da agressividade, da impulsividade e da desobediência; ou internalizantes, como: retraimento, queixas somáticas, ansiedade e depressão (ACHENBACH; EDELBROCK, 1979; BOLSONI-SILVA, 2003).

Sabe-se hoje que desde que os filhos nascem eles estão sob a influência dos pensamentos, emoções e comportamentos dos seus pais. Tal influência nem sempre segue uma expressão racional, explícita ou consciente. Esses componentes passam para os filhos através do que é dito, mas também do que não é dito, onde a forma como os pais fazem ou dizem as coisas chega a ser mais importante que o conteúdo da comunicação em si (ROSSET, 2003). Estudos mostram que quanto maior o grau de instabilidade na família, maiores são as chances de desenvolver problemas de comportamento nos filhos (ROHENKOHL; CASTRO, 2012).

Gomide (2011a), salienta sete variáveis que compõem o estilo parental, onde duas remetem a atitudes positivas: a monitoria positiva e o comportamento moral e as outras cinco variáveis estão relacionadas ao desenvolvimento de comportamentos antissociais, que são a negligência, o abuso físico, a punição inconsistente, disciplina relaxada e monitoria negativa. As diferentes maneiras utilizadas pelos pais no cuidado dos filhos podem tanto contribuir com o desenvolvimento saudável da criança, quanto vincular-se ao desenvolvimento de problemas de comportamento.

No caso da monitoria positiva, os pais têm ciência sobre o paradeiro de seu filho, sobre suas atividades, as pessoas com quem convive, gostos e preferências. Esta, envolve ainda estabelecer regras e privilégios de modo adequados, supervisão das atividades de lazer e escola, além de promover afeto de forma contínua. A monitoria positiva promove o sentimento de segurança, diminui a vulnerabilidade ao uso de drogas e aos comportamentos antissociais, além de auxiliar na autonomia psicológica (GOMIDE, 2011b).

Já o comportamento moral, abarca ensinamentos de valores como honestidade, empatia e senso de justiça aos filhos, auxiliando-os na discriminação do certo e do errado por meio de modelos positivos, propiciando uma diminuição na probabilidade de a criança apresentar comportamentos delinquentes na idade adulta (GOMIDE, 2011a).

Sobre as práticas educativas negativas, pode-se destacar que são práticas pouco efetivas e que podem trazer prejuízos a criança. Na punição inconsistente, os pais educam de acordo com seu humor no momento da punição, e não correspondente ao comportamento da criança, o que resulta em a criança não saber o comportamento que de fato é esperado dela (GOMIDE, 2011b).

Na prática da negligência, ocorre a ausência, a falta de interesse dos pais pelos filhos, eximindo-se de suas responsabilidades, podendo resultar em insegurança, baixa autoestima e agressividade. Os pais podem exercer uma disciplina relaxada, que consiste no ato de determinar regras e acabar, eles mesmos, por desrespeitá-las ou desconsiderá-las, criando cenários propícios ao desafio da autoridade (GOMIDE, 2011a).

A monitoria negativa, é o oposto da disciplina relaxada, e é caracterizada por regras e fiscalização em excesso, o que resulta em um ambiente estressante para a família, podendo culminar em quadros depressivos ou ansiosos. Por outro lado, o abuso físico diz respeito a práticas de castigos corporais lesivos como tentativa de controlar o comportamento dos filhos. Tais castigos, que visam causar dor ou machucados, bem como a negligência são considerados como os principais fatores desencadeadores de comportamentos antissociais em crianças e adolescentes (GOMIDE, 2011a).

Desta forma, tanto pela comunidade científica, quanto no meio social, a família é vista como um sistema fundamental na transmissão de crenças e valores, influenciando diretamente o comportamento das crianças. A maneira que as relações afetivas são estabelecidas neste âmbito é fator determinante para o desenvolvimento emocional e social das mesmas (ROHENKOHL; CASTRO, 2012). Com isso em vista, perguntou-se: Qual o estilo parental dos pais de crianças com problemas de comportamento na escola?

2 MATERIAIS E MÉTODOS

O presente artigo foi redigido com base em dados levantados a partir de uma pesquisa de natureza básica e abordagem mista com caráter exploratório, descritivo e explicativo. Para execução da mesma, foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade do Contestado-Mafra- SC, onde foi aprovado com o parecer consubstanciado de número 2.705.508/2018.

A coleta de dados foi realizada através do Inventário de Estilos Parentais (IEP) de Gomide (2011a), a fim de verificar qual o estilo parental dos pais das crianças da amostra. Também foi utilizada uma entrevista semiestruturada desenvolvida a partir da revisão literária e atendendo os objetivos da pesquisa, a qual visou identificar a percepção das crianças da amostra sobre as práticas educativas utilizadas por seus pais. Ainda houve a utilização de um gravador de voz para preservar a fidedignidade dos dados coletados.

A pesquisa ocorreu em duas escolas do planalto norte catarinense. Já a amostra, foi composta por crianças de oito a dez anos de idade que apresentassem problemas de comportamento externalizante na escola, os quais foram detectados a partir do relato dos professores ante a presença dos seguintes sintomas: dificuldade de seguir regras, comportamentos agressivos ou impulsividade. Para tanto, foi determinado ainda, como critério de inclusão, que as crianças aceitassem participar da pesquisa e que os pais assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Tratou-se, então, de uma amostra não probabilística intencional.

Neste sentindo, foram encontradas 19 crianças entre oito e dez anos de idade com problemas de comportamento externalizante na Escola 1, aonde 8 crianças tiveram permissão dos pais para participar da pesquisa. Na Escola 2, foram encontradas 4 crianças entre oito e dez anos de idade com problemas de comportamento externalizande, aonde apenas 1 teve consentimento dos pais para participação na pesquisa.

No que concerne a avaliação dos resultados obtidos, os dados quantitativos do estudo foram analisados por meio de estatística simples, de acordo com os resultados obtidos na correção do Inventário de Estilos Parentais. Já a análise dos dados qualitativos foi feita através da Análise Categorial Temática de Conteúdo como proposta por Bardin (2011).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Faz-se necessário ressaltar que todas as entrevistas foram analisadas em profundidade a partir do discurso de cada criança, sem qualquer intuito de construir verdades absolutas aplicáveis a outros contextos. Buscou-se somente retratar esta, entre outras realidades possíveis. Assim, a categoria resultante da codificação dos dados foi intitulada "Estilos parentais e crianças com problemas de comportamento externalizante na escola." Por sua vez, se desdobrou em três subcategorias: "Presença e qualidade do tempo dos pais com a criança", "Práticas educativas relatadas pelos filhos" e "Percepção dos filhos sobre as práticas educativas adotadas pelos pais".

3.1 Inventário de Estilos Parentais (IEP)

Os resultados obtidos com o IEP Paterno, revelaram que neste momento 77,7% dos pais da população de amostra apresentam um estilo parental de risco, e 23,3% mostram escores regulares, porém, abaixo da média. O estilo parental de risco significa que os pais utilizam mais práticas negativas do que positivas na educação de seus filhos. Já o regular abaixo da média sugere que esses pais carecem de orientação em relação as suas práticas educativas (GOMIDE, 2011a).

Os resultados do IEP Materno mostraram que neste momento 55,5% das mães apresentam um estilo parental de risco, 33,4% um estilo parental regular abaixo da média e 11,1% das mães desta amostra apresentaram um estilo parental ótimo, ou seja, que exercita práticas parentais positivas com poucas práticas negativas. Segundo Gomide (2011a), durante o estudo para validação do instrumento IEP, constatou que, de um modo geral, as mães apresentam um índice mais favorável que os pais em relação às práticas parentais, o que vem ao encontro dos dados encontrados nesta pesquisa.

É importante ressaltar que durante o estudo todas as crianças relataram abuso físico de pelo menos um dos pais. O abuso físico pode ser descrito como castigos que machucam ou causam dor (GOMIDE, 2011b). Quando os pais exercem a violência contra os filhos, mesmo na tentativa de educar, estão mostrando à criança um modelo de comportamento a ser seguido. Os valores e condutas agressivas às quais a criança está exposta, servem como normas para serem seguidas, visto que os filhos tendem a imitar as práticas observadas nos pais. As observações são codificadas e representadas na memória, sendo que tais representações são transformadas em padrões de imitação de comportamento e aos incentivos da atuação, como foi aprendido (BANDURA, 1973; ROSSET, 2003; GOMIDE, 2011b).

É necessário mencionar que oito entre as nove crianças entrevistadas mostraram-se receosas a serem chamadas para a pesquisa, revelando uma postura de desconfiança e medo, além de retraimento corporal. Após a entrevistadora se apresentar, explicar o sigilo de identidade, a pesquisa e perguntar se a criança desejava participar, todas as nove crianças foram solícitas e ansiosas por ajudar.

3.2 Presença e Qualidade do Tempo dos Pais com a Criança.

A primeira subcategoria investiga a presença dos pais e a qualidade do tempo desses com os filhos. Desta, surgiram quatro elementos de análise: pais presentes, pais pouco presentes, pais que brincam pouco e prazer na companhia dos pais.

O primeiro elemento de análise retrata os **pais presentes**, referiu-se à quando um ou ambos os pais passam ao menos parte do dia no mesmo ambiente, interagindo com a criança. Desta forma, durante a entrevista parte das crianças afirmam que pelo menos um dos pais está presente. Neste sentido, algumas crianças que fizeram alusão a esta questão mencionaram que passam a maior parte do tempo ou com a mãe ou com o pai, como pode ser visto a seguir: *"Passo mais tempo com a mãe do que do pai."* (E9). Quanto a isso, sabe-se que a dinâmica de interação com os pais é fundamental na formação das habilidades e competências das crianças em seus relacionamentos sociais, impactando até mesmo na forma de brincar com outras crianças (POTER, 2009).

Outro elemento retrata os **pais pouco presentes** na vida dos filhos. Quando questionados sobre a presença dos pais, alguns entrevistados relataram que principalmente o pai está pouco presente no seu dia a dia: *"É... na verdade ele só... só quando ele tá de folga, por causa que ele trabalha em dois serviço*." (E7), *"...eu não vejo tanto meu pai.*" (E2).

A falta de interação com os filhos, demonstração de interesse e vínculo, geram a situação de negligência e as crianças podem crescer sem que os responsáveis saibam o que pensam, sentem ou gostam. A negligência pode ser definida por desatenção, omissão ou mesmo falta de amor (GOMIDE, 2011b; TONI; HECAVEÍ, 2014).

O terceiro elemento de análise elucida a presença de **pais que brincam pouco** segundo a visão das crianças entrevistadas. Assim, durante a entrevista algumas se queixaram de os pais brincarem pouco, e que apesar de estarem presentes não destinam um tempo para brincadeiras ou jogos com elas: "*Brincam bem de vez em quando...*" (E1).

A brincadeira propicia para a criança exercitar a imaginação e a criatividade independente de brinquedos específicos, o próprio ambiente se transforma, frente ao brincar

(ARRUDA; MÜLLER, 2010). Neste mundo lúdico, o envolvimento dos pais é de grande importância para o crescimento social e cognitivo da criança (FONAGY; GERGELY; TARGET, 2007).

Apesar de algumas crianças terem relatado que os pais passam pouco tempo com elas e/ou que os pais não costumam brincar, foi de consenso entre as crianças entrevistadas o sentimento de **prazer na companhia dos pais**. Ter os pais perto e aproveitar essa companhia é visto pelas crianças participantes da pesquisa como um item de satisfação: "*Gosto do jeitinho que eles são. ...minha mãe sempre faz alguma coisa e aí eu gosto*." (E4).

Os filhos anseiam por pais socialmente habilidosos, que consigam promover um ambiente familiar acolhedor e agradável. A criança merece receber atenção e cuidado das figuras centrais do microssistema familiar, pois isto propicia o desenvolvimento humanos e a saúde mental (SANTOS; PACHECO, 2016).

3.3 Práticas Educativas Relatadas Pelos Filhos

A segunda subcategoria diz respeito as práticas educativas utilizadas pelos pais de acordo com o relato dos filhos, onde surgiram sete elementos de análise: medidas corretivas aplicadas apenas pela mãe, broncas repetitivas, pouca conversa, punições por maus comportamentos, agressões físicas, não saber a razão da punição e quando os pais esquecem de punir em algumas situações, que em outras puniriam.

O primeiro elemento de análise são as **medidas corretivas aplicadas apenas pela mãe**, onde houve relatos de que essas práticas quando não aplicadas por ambos os pais, eram aplicadas apenas pela mãe: "*Só a mãe que briga, o pai não, o pai nunca, o pai não vai briga, porque é a mãe que briga sempre*." (E4). "*É tipo, ela fala o que eu não posso faze e o que eu posso fazer.*" (E7).

Esse dado nos remete ao papel da maternidade, o qual foi estimulado ao longo da história por aspectos sociais, políticos, culturais e religiosos como a responsável pela organização do lar e a educação dos filhos. E o homem, apoiado pela cultura ocidental patriarcal, teve um papel diferente e mais distante na relação com os filhos (SILVA; PICCININI, 2007). Apesar de diversas mudanças ocorridas na família, atualmente, a diferença de papéis entre homens e mulheres ainda é perceptível e, apesar das mulheres serem ativas no mercado de trabalho, ainda há a crença de que cabem apenas a elas as tarefas relativas ao lar e aos filhos (LUZ; BERNI, 2010; MADALOZZO; MARTINS; SHIRATORI, 2008).

O segundo elemento de análise é referente às **broncas repetitivas**, retratadas como reclamações sobre as crianças, que contém sempre os mesmos conteúdos e ordens, repetidos diversas vezes, referindo-se a uma mesma situação: "*Eles ficam quase me dando bronca por uma semana*." (E1).

As broncas repetitivas são um dos itens presentes na supervisão estressante. Esse tipo de procedimento é um indicador de que a educação promovida pelos pais está sendo ineficaz. Os pais acreditam que a repetição da bronca fará o filho obedecer ou, ao menos, dá aos pais a sensação de estarem cumprindo com seu dever. Essa repetição pode criar uma saturação de informações, fazendo com que a criança passe a selecionar o que lhe interessa do discurso, descartando o que não lhe convém (GOMIDE, 2011a).

Outro elemento é a **pouca conversa**, onde alguns dos entrevistados quando questionados sobre se havia conversas com os pais, relataram pouca conversa, ou que se limitava a responder perguntas sobre a escola: *"Conversamo assim, ela fala como que foi na aula, eu falo pra ela."* (E7). Neste sentido, estudos mostram que pais que tem uma baixa qualidade na relação com os filhos, conversam pouco ou não oferecem afeto e suporte emocional são considerados fatores de risco associados aos problemas de comportamento apresentados pelas crianças, tanto no meio escolar, quanto familiar (FANTINATO; CIA, 2015).

O quarto elemento de análise refere-se às **punições por maus comportamentos,** as quais foram relatadas como formas utilizadas pelos pais para minimizar comportamentos inadequados. Nas entrevistas realizadas, as mesmas referiam-se às agressões físicas e aos castigos, os quais envolviam a perda de algum privilégio ou ter que executar uma tarefa considerada desagradável pela criança: "*Fica sem celular por uma semana, fica sem computador até eles dizer que eu posso ir, até as notas melhora esse tipo de coisa*." (E1). "*Fica atrás da porta, tipo, até eles se esquecerem...*" (E7). "*...me batem ou eles dizem, não converse mais comigo, mais eu converso tamém*." (E5). "*Batem em mim e gritam.*" (E6).

Os castigos somente serão eficazes se os pais tiverem condições de executá-lo. Caso os pais prometam um castigo e liberem a criança antes do combinado ou não cumpram, este será apenas uma ameaça. A ameaça é ineficaz na redução de um comportamento inadequado e dificulta a relação familiar (GOMIDE, 2011b).

Já no caso da agressão física, segundo Nunes e Sales (2016), é um potencial estressor ao processo normal do crescimento e desenvolvimento da criança. Pode acarretar comprometimentos de ordem física, cognitiva, social e psicológica, consequentemente, refletindo na fase adulta.

As punições configuradas em forma de **agressões físicas** foram também consenso entre os entrevistados, variando em suas formas e intensidade. À vista disso, algumas crianças fizeram alusão a surras de esporádicas a semanais, com diversos materiais que em alguns casos deixavam hematomas: "*Às vezes com chinelo, às vezes ca mão, às vez ca cinta*." (E5) "*Com a mão, chinelo e cinta. Às vezes com cinta, às vezes com chinelo*." (E6) "*Toda semana*." (E8), "*Fica marcado... Meu pai, um dia, já me bateu com ripa... Duas na mão e uma na cabeça..."* (E9).

Ainda hoje, muitos pais acreditam que bater na criança é a melhor forma para disciplinar, isto pode acontecer devido à falta de conhecimento de outras formas de educação ou por eles próprios terem sofrido punições físicas de seus pais (PATIAS; SIQUEIRA; DIAS, 2013). De acordo com Gomide (2011b), quando os pais punem fisicamente, demonstram raiva ou humilham o filho, estão ensinando que a criança está errada e não o seu comportamento, ou seja, estas práticas atingem a criança e não a ação que querem modificar, consequentemente prejudicando sua autoestima.

Para mais, como sétimo elemento de análise, as crianças no geral fizeram alusão ao fato de muitas vezes **não saber a razão da punição**, pois não recebem de seus pais explicações sobre a surra e outros castigos. Quando questionados se recebiam punição física mesmo não fazendo nada considerado errado pelos pais responderam: "Eles batem e gritam." (E6). Tal prática não acarreta mudanças positivas no comportamento da criança, visto que ela não entende o motivo da punição. Este ato é considerado como punição inconsistente, a qual é caracterizada por práticas educativas decorrentes da variação do humor dos pais e não do comportamento da criança (TONI; HECAVEÍ, 2014).

Em certos casos, os **pais esquecem de punir em algumas situações, que em outras puniriam,** onde as próprias crianças percebem que não existe uma constância na prática educativa: "*Às vezes eu apanho, às vezes não*." (E2). "*Bom, a maioria das vezes, me deixam de castigo, outras esquecem.*" (E9). Quando há uma inconstância nas punições, a criança aprende que as regras podem ser desrespeitadas e burladas, isso leva a criança a não aceitar regras sociais (GOMIDE, 2011a).

3.4 Percepção dos Filhos Sobre as Práticas Educativas Adotadas Pelos Pais

A última subcategoria diz respeito à forma que os filhos percebem as práticas educativas aplicadas pelos pais. Esta subcategoria é constituída por três elementos de análise,

sendo: concordar com as punições, discordam das agressões físicas e gostaria que a forma de educar fosse diferente.

O primeiro elemento de análise emergido do discurso das crianças entrevistadas foi o fato de que algumas afirmam **concordar com as punições**. Neste sentido, algumas crianças expressaram que as punições são necessárias para que eles se tornem pessoas boas: "*eu acho que tem que ser assim mesmo, porque se du bem, se fica... num bate, quando quebra coisa, dai eu não vo aprende nada, vo aprende a ser ruim se não bater, né*?" (E4). "*Ah eu só acho normal. Toda criança já levo um pito na vida.*" (E9).

De acordo com Piaget (1968), através do diálogo é estabelecido o conceito sobre o certo e o errado e por meio das vivências e aprendizagens acontecem as apropriações das regras. Para a criança, a ideia de certo ou errado ocorre por meio da tentativa e erro, e desta forma ela se desenvolve. A criança até os três anos de idade não possui essa noção, ela começa a ser desenvolvida pela autoridade de quem define as regras, e com o passar do tempo é substituída pela autonomia moral, onde a criança possui condições de perceber as consequências de suas ações. Para esse desenvolvimento moral do certo e errado é essencial que a criança tenha clareza sobre qual comportamento é alvo da punição.

No entanto, o segundo elemento de análise mostra que mesmo que algumas concordem em receber punições, outras **discordam das agressões físicas**: "*Ah, do castigo eu até entendo, só que de bate eu não gosto*" (E1). Neste sentido, Azevedo e Guerra (2001) afirmam que a agressão física é o mais comum tipo de violência e que sua prática acarreta consequências como constrangimento, sentimento de humilhação, vergonha, medo, insegurança, alterações no humor, dificuldade de aprendizagem e agressividade.

Assim, o último elemento de análise explicitou o pensamento de crianças que **gostariam que a forma de educar fosse diferente**: "*Que explica sem apanhá*" (E2). As práticas educativas positivas são uma alternativa eficaz, propiciando uma educação mais equilibrada. O monitoramento positivo é um exemplo dessas práticas e consiste em fazer a criança reconhecer seus erros, porém elogiá-lo quando fizer algo correto. Dar broncas que permitam uma reflexão e autocrítica acerca do seu próprio comportamento. Isso favorece a aprendizagem e reforça os comportamentos adequados (TONI; HECAVEÍ, 2014).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fazer as considerações finais sobre o presente estudo, destaca-se a revelação de que nesta amostra em questão, durante a coleta de dados, as crianças mostraram entender a importância da disciplina e da educação, mesmo não concordando integralmente com os métodos de punição utilizados pelos seus pais. Todas as crianças da amostra revelaram gostar de estar perto dos pais, têm prazer em sua companhia e algumas verbalizaram que gostariam que os pais tivessem mais tempo com elas ou brincassem mais.

Através dos escores do IEP, foi possível perceber ainda que as práticas parentais negativas superaram as práticas parentais positivas na amostra em questão, condizendo com os estudos que relacionam as práticas parentais negativas como fator de risco no desenvolvimento de problemas de comportamento.

A punição física apareceu em todas as crianças da análise, o que corrobora aos estudos que as colocam como ineficiente para diminuir a frequência de problemas de comportamento externalizante. Isso é interessante num momento social onde se discute questões como a "lei da palmada", pois auxilia a construir saber com base em resultados efetivos que mostram a ineficiência e ineficácia de tais práticas na educação do filho (a), além dos traumas gerados e do modelo de agressividade que paralelamente está sendo fornecido à criança na mesma ocasião.

Outra questão a ser considerada, é que nos dados obtidos foi perceptível a diferença entre a participação materna na educação do filho(a) e a participação paterna. Nos relatos e também nos escores do IEP, foi possível ver que as medidas disciplinares geralmente ficam à encargo da mãe. Além disso, nesta amostra também é a mãe quem mais aparece como a figura que traz explicações sobre o certo e o errado.

Ao levar isso em conta, vislumbra-se a necessidade de produções científicas e trabalhos comunitários que façam alusão à importância do papel paterno mais ativo na vida e na educação da criança, bem como de práticas educativas adequadas e funcionais. O esclarecimento a este respeito deveria sair das paredes dos consultórios de Psicologia e alcançar trabalhos e palestras para pais e professores em escolas e comunidades, trabalhando preventivamente na educação e formação dos futuros cidadãos.

Desta forma, levanta-se a possibilidade de que há relação entre os problemas de comportamento externalizante apresentados pelas crianças na escola e o estilo parental de seus pais. Com isso, em linhas gerais este estudo trouxe a percepção da necessidade de políticas informativas aos pais sobre as práticas parentais adotadas e seu impacto na criança. Pensa-se que a realização de treinamentos de desenvolvimento de habilidades sociais em pais

e filhos (as) como forma de prevenção e tratamento aos problemas de comportamento também poderia corroborar para melhorar quadros como este.

REFERÊNCIAS

ACHENBACH, T. M.; EDELBROCK, C. S. The Child Behavior Profile: II. Boys aged 12-16 and girls aged 6-11 and 12-16. **Journal of consulting and clinical psychology**, v. 47, n. 2, p. 223-233, 1979.

ALVARENGA, P. **Práticas educativas parentais como forma de prevenção de problemas de comportamento.** In: GUILHARDI, H. J. et al. (Orgs.). Sobre comportamento e cognição: expondo a variabilidade. Porto Alegre: ESETec, p. 54-60 2001.

ARRUDA, F.; MÜLLER, V. **Brincadeiras e espaços urbanos:** um estudo da prática lúdica de crianças de diferentes classes sociais da cidade de Maringá – PR. Licere, 13(4), 1-29, 2010.

AZEVEDO, M. A.; GERRA, V. N. A. **Mania de bater:** a punição corporal doméstica de crianças e adolescentes no Brasil. São Paulo: Editora iglu, 2001.

BANDURA, A. **Aggression:** A social learning analysis. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1973.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOLSONI-SILVA, A. T. **Habilidades sociais educativas, variáveis contextuais e problemas de comportamento:** comparando pais e mais de pré-escolares. Tese (Doutorado em Ciências, Área Psicologia). Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, 2003.

BORSA, J. C.; NUNES, M. L. T. Aspectos psicossociais da parentalidade: o papel de homens e mulheres na família nuclear. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 64, n. 29, p.31-39, mar. 2011. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/ psicologiaargumento/article/view/ 19835/19141>. Acesso em: 14 mar. 2018.

CORTELLA, M. S. **Família:** urgências e turbulências. São Paulo: Cortez, 2017.

DE MARQUE, C. R. **Construção de identidade e formação de vínculos, no processo psicoterapêutico de uma criança, em diferentes contextos familiares**. 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

FANTINATO, A. C.; CIA, F. **Habilidades Sociais Educativas, Relacionamento Conjugal e Comportamento Infantil na Visão Paterna:** Um Estudo Correlacional. Psico, São Carlos, v. 46, n. 1, p.120-128, 2018.

FONAGY, P.; GERGELY, G.; TARGET, M. The parent? Infant dyad and the construction of the subjective self. **Journal Of Child Psychology And Psychiatry**, [S.l.], v. 48, n. 3-4, p.288-328, mar. 2007.

GOMIDE, P. I. C. **Inventário de Estilos Parentais IEP:** Modelo teórico, manual de aplicação, apuração e interpretação. Petrópolis: Vozes 2011a.

_____. Pais presentes, pais ausentes: regras e limites. Petrópolis: Vozes, 2011b.

LUZ, A. M. H.; BERNI, N. I. O. Processo da paternidade na adolescência. **Revista Brasileira de Enfermagem**, 63(1), 43-50, 2010.

MADALOZZO, R.; MARTINS, S. R.; SHIRATORI, L. **Participação no mercado de trabalho e no trabalho doméstico:** Homens e mulheres têm condições iguais?, 2008. Disponível em: < http://www. ibmecsp.edu.br/pesquisa/download.php?recid=3178>. Acesso em: 06 abr. 2018.

NUNES, A. J.; SALES, M. C. V. **Violência contra crianças no cenário brasileiro.** Ciênc. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, p. 871-880, 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232016000300871&lng=en&nrm=iso> Acesso em 28 Abr. 2018

PATIAS, N. D.; SIQUEIRA, A.C.; DIAS, A.C.G. Práticas Educativas e Intervenção com Pais: A Educação como Proteção ao Desenvolvimento dos Filhos. **Mudanças - Psicologia da Saúde**, v. 21, n. 1, p.29-40, 30 jun. 2013. PIAGET, J. Seis estudos de psicologia. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

PIAGET, J. Educación e instrucción. Buenos Aires: Proteo, 1968.

PORTER, C. L. Predicting Preschoolers' Social-Cognitive Play Behavior: Attachment, Peers, Temperament, and Physiological Regulation. **Psychological Reports**, [s.l.], v. 104, n. 2, p.517-528, abr. 2009.

ROHENKOHL, L. M. I. A.; CASTRO, E. K. Afetividade, conflito familiar e problemas de comportamento em pré-escolares de famílias de baixa renda: visão de mães e professoras. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 32, n. 2, p. 438-451, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932012000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 abr. 2018.

ROSSET, S. M. **Pais e Filhos:** uma relação delicada. Curitiba: Editora Sol, 2003.

SAMEROFF, A. J. et al. Stability of intelligence from preschool to adolescence: The influence of social and family risk factors. **Child Development**, v. 64, p. 80-97, 2010.

SANTOS, H. C. V.; PACHECO, M. M. D. R. **Os Fatores de Risco ao Desenvolvimento da Criança em Contextos de Creche Pública.** Exitus, Santarém, v. 6, n. 2, p.48-67, dez. 2016.

SILVA, M. R.; PICCININI, C. A. Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: Um estudo qualitativo. **Estudos de Psicologia**, 24(4), 561-573. 2007.

TONI, C. G. S.; HECAVEÍ, V. A. **Relações entre práticas educativas parentais e rendimento acadêmico em crianças.** Bragança Paulista: Psico-USF, 19 (3), 511-521, 2014